

Editorial

Conectando a Pragmática

Antonio Henrique Campolina Martins

Esta **edição filosófica** de **Ética e Filosofia Política** é toda dedicada a uma **pragmática aplicada** (como se ela não o fosse sempre) presente, de modo indireto e latente, nos artigos aqui publicados, perfazendo momentos vértices da filosofia medieval e contemporânea, incluindo a filosofia da educação.

Não se trata, pois, de uma publicação sobre a pragmática enquanto tal, sobre a estrutura daquela disciplina jovem, com fronteiras fluidas, onde a filosofia e a linguística se entrecruzam, compartilhando o mesmo espaço e a mesma extensão, mas da fusão de um uso procedimental – o **pragmático** – no âmbito da argumentação dos pensadores aqui analisados. Trata-se, sim, antes de tudo, de responder, através de temas precisos e variados, em contextos históricos também diferenciados, múltiplos sob todos os aspectos, a questões fundamentais, básicas, pressupostas em toda filosofia da linguagem ou em uma linguística, consistentes: o que fazemos quando falamos? O que dizemos exatamente quando pronunciamos um conceito, ou emitimos um juízo ou elaboramos um raciocínio? Quando, como, com que meios e onde os fazemos? À mesa por que pedimos à pessoa que se encontra ao lado o favor de nos passar o prato, uma vez que ela pode fazê-lo? Quem fala, o quê e a quem? Quem fala e com quem? “O que achas que sou para que me fales assim”? O que precisamos fazer para que um falar deixe de ser ambíguo? O que é um compromisso proferido? Como pode se falar algo que não se quer dizer? Pode-se confiar no sentido literal de uma proposta? Em resumo, quais são os múltiplos, diferentes e possíveis usos da linguagem e em que medida a realidade humana é condicionada por este fenômeno?

Se esta edição de **Ética e Filosofia Política** não quer ser uma análise dos grandes autores da **Pragmática** na história da filosofia contemporânea (não é este o nosso objetivo), desde os filósofos lógicos, como Frege, Russell, Carnap e Bar-Hillel; desde os teóricos do significado da linguagem, como Wittgenstein, Strawson, e mesmo os filósofos transcendentais da comunicação, como Habermas e Apel, para os quais, a pragmática é algo de central e essencial, ainda assim, esta parte da semiótica que trata dos sinais e de seus usos na linguagem se encontra aqui eminentemente presente, tanto no contexto das propostas dos autores estudados, quanto nas dos que escrevem, através da elaboração de um conteúdo significativo.

Que os efeitos desta análise da linguagem nos discursos aqui contidos possam repercutir na apreensão dos nossos leitores e que a relação dos sinais, das palavras, das frases com as coisas, com os estados de espírito e com a história, nesta edição empreendida, possa nos levar ao encontro do sentido, da referência e da verdade. É o “*approach*” semântico priorizado e conectado.

Ótima leitura a todos!